

Até que o *ghosting* os separe: a produção de subjetividade em discursos sobre o amor virtual

Until *ghosting* do them apart: The production of subjectivity in discourses about virtual love

Francisco Vieira da Silva¹

franciscovieirariacho@hotmail.com

Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa²

socorromaia@uern.br

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

RESUMO - Levando em consideração os mais variados dizeres, atualmente construídos acerca dos relacionamentos amorosos que emergem através dos dispositivos eletrônicos, especialmente dos aplicativos de paquera, o presente texto procura, a partir de análise de algumas materialidades discursivas que circularam na mídia digital, investigar a produção de subjetividade nos discursos a respeito do amor virtual. Para tanto, analisamos três materialidades discursivas midiáticas (duas reportagens e uma seção de uma coluna de revista). Metodologicamente, o presente estudo segue um viés descritivo-interpretativo, de abordagem qualitativa. As análises, amparadas sob a perspectiva teórica de Michel Foucault, demonstraram que, dadas as especificidades de cada materialidade estudada, há a constante produção de subjetividade do usuário das tecnologias digitais no que se refere especificamente às mutações na construção do amor virtual como um objeto de discurso.

Palavras-chave: discurso, subjetividade, amor virtual.

ABSTRACT - Considering the most varied discourses, currently constructed about romantic relationships that emerge by means of electronic devices, particularly flirting applications, the present text aims, from the analysis of some discursive materialities that circulated in digital media, to investigate the production of subjectivity in discourses about virtual love. For this purpose, we analyzed three media discursive materialities (two reports and a section of a magazine column). Methodologically, the present study follows a descriptive-interpretative bias, with a qualitative approach. The analysis, based on the theoretical perspective of Michel Foucault, demonstrated that, given the specificities of each studied materiality, there is the constant subjectivity production of the digital technologies user with regard specifically to the mutations in the construction of virtual love as a discourse object.

Keywords: discourse, subjectivity, virtual love.

Minha relação com o Pablo coincide com a explosão da era digital... Comprei a câmera que registrou esses quatro anos... 380 fotos no primeiro ano... 150 no segundo... 97 no terceiro... Estas são as quatro do último ano. Num ato simples e irreversível... me desprendo de 3,8 MB de história. Quem dera minha cabeça funcionasse como o Mac! Quem dera um simples clique me fizesse esquecer tudo! (Taretto, 2011).

Os aparelhos eletrônicos respondem a uma necessidade que não criaram: o máximo que fizeram foi tornar mais aguda e evidente, por colocarem de todos, e de modo sedutor, os meios de satisfazê-las sem qualquer esforço maior que algumas teclas (Bauman, 2011, p. 9).

No princípio, era o *match*...³

O vocábulo *ghosting* foi eleito pelo dicionário britânico Collins como uma das palavras do ano de 2015. Derivada do inglês *ghost* (fantasma), o termo tem sido usado para designar uma forma de terminar relacionamentos na era digital em que a pessoa desaparece, tal qual um fantasma, e deixa de responder às mensagens dos aplicativos e redes sociais, eximindo-se de dar qualquer explicação. A profusão de discursos acerca desse vocábulo parece-nos

¹ Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Sítio Esperança II, Zona Rural, 59870-000, Caraúbas, RN, Brasil.

² Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), Departamento de Letras, Av. BR 405, km 03, s/n, Arizona, 59900-000, Pau dos Ferros, RN, Brasil.

³ O *match* se refere a uma curtida mútua no aplicativo de relacionamento *Tinder*. Quando duas pessoas tocam a opção curtir nos perfis de maneira simultânea, acontece um *match*, e o sistema permite a conversa entre essas duas pessoas.

sugerir alguns indícios acerca do que se diz sobre os relacionamentos amorosos, num momento histórico marcado prioritariamente pelas tecnologias digitais, bem como sobre as formas de subjetividade que são produzidas a partir desses discursos. Nesse sentido, levando em consideração os mais variados dizeres, atualmente construídos acerca dos relacionamentos amorosos que emergem através dos dispositivos eletrônicos, especialmente dos aplicativos de paquera, o presente texto procura, a partir de análise de algumas materialidades discursivas que circularam na mídia digital, investigar a produção da subjetividade nos discursos a respeito do amor virtual.

Nesse intento, interessa-nos estudar, a partir das teorizações foucaultianas, os modos através dos quais os sujeitos relacionam-se consigo mesmo e com o outro, que vão apontar para os processos de subjetivação, para as diversas formas de constituição dos sujeitos por meio de práticas e discursos da atualidade. Esses discursos, nos limites deste texto, irão recobrir dizeres em torno dos relacionamentos advindos das tecnologias digitais. Tais discursos encadeiam-se a uma rede enunciativa, na qual é possível vislumbrar enunciados que falam dos perigos dos relacionamentos *online*, das peculiaridades que os caracterizam, das inflexões dessas tecnologias no âmbito das relações pessoais e afetivas, dentre outros posicionamentos. Assim, este texto busca responder aos seguintes questionamentos: que tipos de subjetividade emergem a partir de discursos acerca do amor virtual na mídia? De que modo esses discursos articulam-se a outros discursos, trazem à tona outros dizeres, os quais, num feixe de relações, enunciam acerca do amor virtual?

Para falar acerca desse objeto de discurso, inúmeras vozes são convocadas. Da sociologia à autoajuda, pode-se constatar uma verdadeira efervescência nos modos de enunciar acerca do amor virtual. Para citarmos um exemplo, vale salientar as contribuições de Bauman (2004) nesse debate, para quem os equipamentos eletrônicos multiplicaram os encontros entre os indivíduos, tornando-os breves, superficiais e, sobretudo, descartáveis. Se quisermos ilustrar a partir do cinema, podemos citar filmes como *Medianeras* (Taretto, 2011), filme argentino que trata das agruras das relações interconectadas por meio da rede digital, conforme podemos observar na primeira epígrafe deste texto. Outra produção cinematográfica análoga é *Apaixonado Thomas* (Renders, 2000), em que o personagem principal prescinde de relações exteriores ao espaço da *web*. Além disso, podemos exemplificar como o paroxismo dessa relação sujeito e tecnologias o filme *Ela* (Jonze, 2013), cujo enredo gira em torno de um personagem que se apaixona por um sistema operacional. Esses filmes delatam, portanto, as inflexões de discursos e práticas em torno das tecnologias na produção de subjetividade do sujeito contemporâneo. Em função dos diversos meandros a que essas práticas se conectam na construção de sujeitos ligados de modo umbilical às tecnologias,

tais discursos assumem o lugar do verdadeiro no cerne da formação histórica vigente, em que se propugna a hiperconectividade, o imperativo da interatividade (Crary, 2013), o apego em excesso aos dispositivos eletrônicos, os quais devem mediar todas as relações do sujeito com o outro, o que inclui, portanto, as relações afetivas.

Dada a inapreensível rede de discursos sobre essa questão, este texto apresenta um recorte singular no âmbito de um arquivo (Foucault, 2010) que contempla as condições de emergência desses discursos na atualidade. Desse modo, o *corpus* deste trabalho compõe-se das seguintes materialidades: (i) excertos de uma reportagem publicada no portal G1 (“Ghosting: a maneira cruel de terminar relacionamentos na era digital”; G1, 2015); (ii) texto da coluna Papo de BFF, publicada no site da revista *Todateen* (“5 dicas para usar o Tinder sem perigo”; Araújo, 2015); (iii) excertos de uma reportagem veiculada no site Uol (“Amor: reiniciar ou deletar”; Bertolotto, 2015).

Este texto encontra-se estruturado da seguinte maneira: na seção seguinte, temos como propósito discutir alguns conceitos da obra foucaultiana, principalmente as noções de discurso e enunciado, os quais serão de grande relevância na análise do *corpus*. Em seguida, apresentamos a análise do *corpus* com vistas a cumprir com o objetivo do trabalho. Finalmente, na seção final, discutiremos aspectos mais gerais a respeito das discussões desenvolvidas ao longo do texto.

Teorizando com Foucault: breves considerações

A obra de Foucault apresenta uma multiplicidade de temas e abordagens que escapa a qualquer tipo de classificação. Uma vez que dialogou com diversas áreas, as teorizações desse autor francês borram as fronteiras entre as disciplinas e as várias vertentes do saber; além disso, as voltas e reviravoltas que o autor empreendeu na constituição de suas reflexões (cf. Revel, 2005) dificultam, sobremaneira, a inserção de Foucault num dado campo teórico-filosófico. No entanto, é possível pensar com Foucault sobre temas que não foram necessariamente estudados por ele, na medida em que as reflexões desse autor mostram-se prodigiosas no exame de práticas e discursos situados em vários momentos históricos. Dessa maneira, as discussões acerca das tecnologias digitais não constituíram uma preocupação para Foucault porque o autor não vivenciou essa realidade, haja vista o seu desaparecimento físico, no começo dos anos de 1980. Por outro lado, em função do caráter amplo das investigações de Foucault, no que concerne especialmente aos múltiplos saberes que constroem as subjetividades no decorrer da história, é possível pensar os fenômenos da atualidade sob as lentes foucaultianas.

Desse modo, dada a vastidão de conceitos e de problemáticas desenvolvidos por Foucault, convém

delimitar quais noções interessa-nos na consecução de nosso objetivo. Uma rápida pincelada sobre as fases da obra foucaultiana pode nos fornecer algumas pistas acerca da proficuidade de algumas noções. Assim, tradicionalmente, para efeitos de organização do pensamento desse pensador francês, a sua obra é dividida em três fases. Uma fase *arqueológica*, na qual as reflexões concentram-se sobre a questão dos saberes que objetivam o sujeito; vislumbramos, em seguida, uma fase *genealógica*, em que foram desenvolvidas reflexões sobre a prisão, o sistema carcerário, o poder, a sociedade disciplinar. Nessa fase, o discurso é considerado como um conjunto de enunciados polêmicos e estratégicos que integram as malhas do poder as quais perpassam as relações entre os sujeitos (Fernandes, 2012). A terceira fase, denominada de *estética da existência*, recobre questões como *governamentalidade*, *sexualidade*, *governo de si*, *técnicas de si*, e a conseqüente construção de uma *ética e estética de si*.

Importa-nos evidenciar algumas noções da fase arqueológica e da fase da estética da existência, tendo em vista as especificidades do objeto de análise deste artigo: a produção da subjetividade em discursos sobre o amor digital. Noutras palavras, é pertinente atentarmos para o conceito de discurso e outras noções adjacentes, bem como a emergência do conceito de subjetividade em Foucault, na imbricação com outras reflexões desenvolvidas por esse teórico.

A noção de discurso é definida na obra *A Arqueologia do Saber* (2010 [1969]), na qual Foucault procura explicar o método que embasa as suas reflexões. Dessa feita, a noção de discurso encontra-se imbricado à ideia de formação discursiva. Esta última refere-se às regularidades presentes num regime de dispersão enunciativa. O discurso, conforme compreende Foucault (2010), diz respeito a um conjunto de enunciados que derivam de uma mesma formação discursiva. O interesse pelo tema do discurso em Foucault está diretamente relacionado às indagações foucaultianas acerca das formas de racionalidade que historicamente foram sendo construídas na sociedade e de que maneira essas formas tornam-nos sujeitos de determinados discursos (Fischer, 2013).

O enunciado, por seu turno, é entendido como o grão, o átomo do discurso, a função de existência dos signos. A descrição de tal função será responsável por fazer emergir o enunciado como um fenômeno concreto no tempo e no espaço. A análise enunciativa, na percepção de Foucault (2010), distingue-se das análises efetuadas no interior da Linguística, uma vez que não se preocupa em descrever as regras que constituem novos enunciados, mas saber como tornou possível a aparição de um dado enunciado e não outro em seu lugar. De acordo com Foucault (2010, p. 31): “[...] deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio de outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar”. Ademais, a análise enunciativa

propugnada por Foucault (2010) difere das abordagens realizadas no âmbito da história do pensamento, pois não busca encontrar a intencionalidade de um sujeito falante, mas caracterizar os domínios por meio dos quais o enunciado emerge, correlaciona-se com outros enunciados.

Sobre o conceito de enunciado, Foucault (2010) defende que este se diferencia da frase, do ato de fala e da proposição, devido às seguintes características: (i) encontra-se na dimensão do discurso; (ii) não está suscetível à estrutura canônica típica da frase; (iii) não deflagra as intenções de um sujeito falante, de acordo com o que postula a teoria dos atos de fala. Dessa maneira, o enunciado é concebido como uma função que se caracteriza pelas seguintes condições: (i) possui um referencial, concebido como leis de possibilidades que permitem a emergência dos enunciados; (ii) possui um sujeito enunciativo, a qual deve ser imputada a alguma fonte no discurso; (iii) coexiste num campo associado, pois se relaciona com outros enunciados (cf. Fischer, 2013); (iv) está relacionado a uma materialidade específica, uma vez que se trata de algo efetivamente dito e, dessa maneira, precisa exibir uma forma, um suporte, uma substância.

Entendendo o enunciado como uma função, Foucault (2010) estabelece alguns princípios que devem nortear a análise enunciativa. São eles: (i) princípio de rarefação (ou rarefação) – nem tudo pode ser dito e aquilo que é dito ocupa uma posição singular; (ii) princípio de exterioridade – o enunciado deve ser concebido no interior das coisas ditas, das relações que fazem com que ele surja como um acontecimento; (iii) princípio de acúmulo – refere-se aos modos por meio dos quais o enunciado pode ser preservado, esquecido, retomado; (iv) princípio de positividade – diz respeito às propriedades singulares do enunciado, ao longo do tempo.

Na constituição das formações discursivas, Foucault (2010) fala-nos das unidades de discurso. Tais unidades distribuem-se em quatro categorias: formação dos objetos, das modalidades enunciativas, dos conceitos e das estratégias. Considerando as peculiaridades do nosso objeto de análise, daremos ênfase às duas primeiras, cientes, no entanto, da relação de interdependência entre tais categorias. Assim, na formação dos objetos, Foucault (2010) sublinha a existência de três níveis de análise: (i) superfícies de emergência – define onde os objetos podem surgir, a fim de ser nomeados e classificados, sendo mutáveis ao longo do tempo, pois, de acordo com Foucault (2010, p. 46), “não são as mesmas nas diferentes sociedades, em diferentes épocas e nas diferentes formas de discurso”; (ii) instâncias de delimitação – referem-se às instituições responsáveis por designar, distinguir e instaurar um dado objeto de discurso; (iii) grades de especificação – constituem sistemas a partir dos quais podemos comparar, opor, correlacionar e reagrupar objetos de discurso.

A respeito das modalidades enunciativas, Foucault (2010) aponta para a necessidade de atentarmos para o

estatuto do sujeito que fala, os lugares institucionais por meio dos quais o sujeito busca respaldo para enunciar, bem como as posições ocupadas pelo sujeito no discurso. Nesse sentido, ao discutir a respeito do saber médico, Foucault (2010, p. 57) atesta: “[...] A fala médica não pode vir de quem quer que seja: seu valor, sua eficácia, [...] de maneira geral, sua existência como fala médica não são dissociáveis do personagem, definido por status, [...] reivindicando para si o direito de conjurar o sofrimento e a morte”.

Embora Foucault (1995) tenha confessado que seu objetivo, ao longo de toda a sua trajetória intelectual, fora radiografar as diversas formas por meio das quais os seres humanos constituem-se como sujeitos, nos seus últimos escritos esse objetivo se exibe de maneira mais nítida. Nessa medida, as derradeiras investigações de Foucault, voltadas prioritariamente para a sexualidade, a verdade, o cuidado de si, o governo de si, a subjetividade, irão recrudescer essa intenção de Foucault. Tem-se, de acordo com esse autor, a permanente construção de modos de subjetivação, os quais produzem sujeitos singulares. Conforme Fernandes (2012), deve-se procurar mostrar, por meio da análise dos discursos, os procedimentos mobilizados para a produção de subjetividade e, conseqüentemente, dos sujeitos. A subjetividade é entendida como uma construção histórica, pois emerge sob condições estritas e obedece a códigos éticos e morais.

Em *A Hermenêutica do Sujeito*, Foucault (2006) propõe inventariar as práticas, técnicas e saberes que permitem aos sujeitos relacionar-se consigo mesmo. O cuidado de si, desde Sócrates até os cristãos, constitui-se não somente como um princípio, mas como uma prática constante de construção dos sujeitos. Relacionando-se com o princípio délfico do “conhece-te a ti mesmo”, o cuidado de si vai além, na medida em que, nas continuidades e descontinuidades da história, presenciamos a irrupção de uma série de métodos e técnicas, por meio dos quais o sujeito se relaciona com a verdade e consigo mesmo, de modo a evidenciar o que Foucault (2006) denomina de *ascese da verdade*. Assim, Foucault (2006) salienta a importância da escrita de si, prática na qual se tomava notas das leituras, por meio das quais se efetuava um exercício de si através da escrita. O autor ainda nos lembra a singular contribuição de outras práticas como a escuta, defendida tanto por Sócrates quanto pelos epicuristas e estoicos, bem como os exercícios de memorização. Esse conjunto de técnicas tinha como finalidade vincular a verdade e o sujeito.

Se num dado momento histórico, tais técnicas estavam restritas à introspecção do sujeito, noutras épocas, defendia-se a premência de um guarda espiritual, de um confessor. De acordo com Foucault (2006), nos séculos I e II, a relação consigo deve-se apoiar-se na relação com um mestre, com um outro, pois entendia-se, a partir de Galeno, que o sujeito “ama demais a si mesmo para ser capaz de sozinho curar-se de suas paixões” (Foucault, 2006, p. 603). De todo modo, independentemente da

maneira como essa atenção voltada para si se efetiva, importa-nos pensar acerca de uma certa historicidade na relação do sujeito consigo mesmo, no esteio de práticas e discursos. Da Antiguidade à época atual, o sujeito sempre foi instado a se decifrar, a aceder a uma dada verdade na constituição de si. Essa subjetividade, conforme demonstraremos na seção a seguir, está circunscrita a condições históricas específicas e responde a demandas particulares, em função das especificidades de cada momento histórico.

Amor virtual e subjetividade e(m) discurso

De acordo com o que afirmamos na introdução deste trabalho, a análise recobre excertos de uma reportagem publicada no portal G1, uma coluna da seção Papo de BFF, veiculada no *site* da revista *Todateen*, e os excertos de uma reportagem veiculada no *site* Uol. Na seleção desse material, seguimos os seguintes critérios: (i) os textos deveriam ter sido veiculados no meio digital; (ii) deveriam ter sido publicados nos últimos dois anos. Todas essas materialidades discursivizam as relações amorosas por meio dos artefatos tecnológicos existentes. A primeira materialidade, abaixo expressa, objetiva nomear um fenômeno atualmente em voga a respeito das peculiaridades do término das relações na era da hiperconectividade digital. Vejamos alguns excertos dessa reportagem:

Excerto 1

Ghosting: a maneira cruel de acabar com relacionamentos na era digital

Desaparecer sem deixar notícias para terminar relação sempre ocorreu, mas celulares e internet tornaram processo mais comum.

O ghosting está cada vez mais comum com os sites e aplicativos de encontros.

A situação pode ser familiar para muitos: você conhece alguém, troca números de telefone, vai a vários encontros, começa um relacionamento e tudo parece ir muito bem quando, de repente... silêncio.

A outra pessoa deixa de responder mensagens de texto e chamadas e, sem aviso, desaparece sem dar explicações.

Em inglês isto é chamado de ghosting, palavra derivada de ghost (fantasma). O termo vem ganhando popularidade nos últimos anos e foi eleito como uma das palavras de 2015 pelo dicionário britânico Collins. Encerrar um relacionamento da noite para o dia, cortando todo tipo de comunicação, não é novo. Mas alguns especialistas afirmam que as novas tecnologias tornaram esta prática mais comum.

Especialistas em psicologia afirmam que o ghosting tem conseqüências para quem sofre e também para quem pratica.

A pessoa que sofreu o *ghosting* tem sua autoestima prejudicada e precisa atravessar o período difícil do fim de um relacionamento sem ter todas as respostas sobre o que levou ao rompimento.

[...] Em uma pesquisa de 2014, realizada nos Estados Unidos pelo instituto YouGov para o Huffington Post, 11% dos participantes disseram ter praticado *ghosting* e cerca de 13% dizem ter sofrido com esta prática.

A revista Elle fez uma pesquisa parecida entre seus leitores: cerca de 26% das mulheres e 33% dos homens admitiram que já tinham sido vítimas e também já tinham feito *ghosting*.

[...] Sherry Turkler, professora de sociologia do Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT), disse em uma entrevista recente ao Huffington Post que o “*ghosting* é algo quase único do mundo online”.

[...] “Passamos muito tempo socializando através das novas tecnologias, compartilhando nossa vida particular nas redes sociais e cada vez nos sentimos mais incomodados com o contato interpessoal”, disse LaMotte para a BBC Mundo, o serviço em espanhol da BBC.

“Isto faz com que terminar uma relação seja mais complicado, porque temos cada vez menos prática nisto” (G1, 2015).

Na constituição do amor virtual, mais especialmente do modo como acontece o término dos relacionamentos no contexto digital, a posição que enuncia na reportagem vai associar a conduta do *ghosting* aos sumiços já existentes nos relacionamentos não mediados pelas tecnologias digitais. Assim, pensando nas grades de especificação de que fala Foucault (2010), é conveniente não perder de vista que o amor virtual como um objeto de discurso encontra-se correlacionado com já-ditos acerca das relações amorosas disparatas ao longo do tempo (“sempre ocorreu”), os quais, num domínio associado, compõem uma rede enunciativa de dizeres sobre as relações amorosas. Desse modo, o sumiço inexplicável, catalogado sob a alcunha do *ghosting*, vai compor um modo de enunciar a respeito do amor na era digital. A posição sujeito da reportagem, ao utilizar no título da reportagem o termo “cruel”, para qualificar esse comportamento, lança pistas para pensarmos como se discursiviza esse objeto de discurso na atualidade.

Noutros termos, a crueldade estampada no título do texto é escandida em fragmentos que demonstram a produção da subjetividade no entroncamento com o amor virtual. Dessa maneira, convém apontar para a formação das modalidades enunciativas (Foucault, 2010), especialmente no que tange à multiplicidade de vozes que enunciam a respeito da prática do *ghosting*, bem como no que se refere à variação da posição do sujeito enunciativo. Temos, portanto, uma posição que explica o fenômeno do *ghosting*, demonstrando o caráter de novidade relativo a

esse termo, demarcada, por exemplo, no fato de essa palavra ter sido eleita como uma das palavras do ano de 2015, por um dicionário britânico, assim como subsiste uma posição que, amparada na voz de especialistas, denota os efeitos do *ghosting* nos sujeitos por ele afetados. Essas vozes deflagram o funcionamento das modalidades enunciativas, pois estão alicerçadas em saberes especializados, cujas credenciais são explicitamente destacadas e, ao mesmo tempo, fazem funcionar as instâncias de delimitação na constituição do amor virtual como um objeto de discurso. Assim, em passagens como “professora de sociologia do Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT)”, “revista Elle” e “realizada pelo Instituto YouGov”, o sujeito que enuncia, ao descrever o lugar institucional do qual essa voz citada fala, acaba por delimitar o estatuto desse sujeito o qual está autorizado a produzir esse discurso e ser reconhecido socialmente por isso.

Tanto no efeito de verdade, advindo dos dados numéricos da pesquisa realizada pela revista Elle (“26% das mulheres e 33% dos homens admitiram que já tinham sido vítimas e também já tinham feito *ghosting*”) e pelo Instituto YouGov (“11% dos participantes disseram ter praticado *ghosting* e cerca de 13% dizem ter sofrido com essa prática”), como no engajamento das vozes dos especialistas a respeito da constatação dos efeitos nocivos do *ghosting* (“temos cada vez menos prática nisso”) figura-se a produção de subjetividade por meio do discurso. O caráter estatístico demonstra que se trata de um fenômeno real, premente, sobre o qual incide um saber especializado e proveniente de confissões, numa época em que se exprime em palavras e se põe em debate os meandros do sentimento (cf. Lipovetsky, 2007). A voz de autoridade dos especialistas, a qual diagnostica as práticas afetivas oriundas das tecnologias digitais, por sua vez, objetiva o sujeito vítima do *ghosting*. Esse sujeito emerge por meio desses discursos: trata-se de uma subjetividade que advém da estreita ligação com as tecnologias, dado que estas sustentam as formas de sociabilidade, marcadas sobremaneira pela frieza dos relacionamentos erigidos *online* (Bauman, 2011), num espaço ambivalente por natureza, em que as identidades são fluidas e cambiantes. Ao teorizar sobre a relação entre a *web* e a vida “real”, Turkle (1997, p. 18) dispara: “a vida real é só uma das janelas e não é a que mais me agrada”. Essa constatação vincula-se à fala de um especialista na reportagem supracitada, uma vez que o contato interpessoal tem sido preterido em prol das relações mediadas pelo digital.

A conduta impertinente do *ghosting*, conforme advoga a posição sujeito da reportagem, faz emergir a produção de subjetividades que devem estar sempre em alerta na condução dos relacionamentos *online*, com vistas a dirimir os efeitos nocivos do súbito desaparecimento do par amoroso. Convém citar que, acompanhando a parte verbal da reportagem, aparecem algumas imagens de pessoas com a aparência cabisbaixa e com

os olhos voltados para os dispositivos eletrônicos, como *tablets* e *smartphones*, de maneira a ilustrar a sensação de desamparo das vítimas da prática do *ghosting*. Os enunciados em torno do *ghosting* inserem-se, de acordo com o princípio da exterioridade (Foucault, 2010), no âmbito dos discursos sobre o sofrimento amoroso, no interior de práticas que sustentam a emergência de dizeres sobre os sujeitos que se relacionam afetivamente no espaço *online*. Embora o romantismo amoroso continue sendo uma das características mais marcantes da cultura ocidental (cf. Costa, 1999), os abalos produzidos pela fugacidade das relações produzidas na atualidade, das quais a prática do *ghosting* constitui um exemplo prototípico, parecem esgarçar a hegemonia do amor eterno, dando-lhe outros contornos.

Com vistas a darmos continuidade a esse exercício analítico, vejamos, no Excerto 2, uma coluna veiculada no *site* da revista *Todateen*. Esse texto fornece dicas para a utilização de um aplicativo de relacionamento de popularidade considerável nos dias atuais, denominado de *Tinder*⁴.

Excerto 2

Papo de BFF: Dicas para usar o Tinder sem perigo
Vocês já ouviram falar no aplicativo Tinder? Esse é o bapho do momento para as pessoas que estão em busca de um amor!

A dinâmica funciona da seguinte forma: você baixa o app, coloca algumas fotos, seleciona se está interessado em menino ou menina e diz qual a distância que você deseja conhecer alguém especial. É que ele funciona em todo o país, portanto tem que dizer a sua distância para conhecer alguém que esteja próximo. Mas, como tudo que envolve tecnologia, é preciso alguns cuidados para não cair em cilada, viu? Por isso, selecionamos algumas dicas para usar o aplicativo sem riscos!

#1: Converse bastante antes de encontrar a outra pessoa

Não vá com pressa, *girl*! Antes de sair para o primeiro encontro e, finalmente, conhecer a outra pessoa, é importante conversar bastante para não ter surpresas. Saiba o que a outra pessoa gosta de fazer, quais os lugares que frequenta e assim por diante. E mais: não acredite em tudo, ok? Você não conhece essa nova paquera que está conversando, então vá com cuidado!

2: Se encontre um (sic) local público

Para o primeiro encontro, prefira locais públicos e, de preferência, leve as amigas também! Que tal chamar o futuro love para ir a uma balada com vocês ou assistir

aquele filme que acabou de entrar em cartaz? Assim, você estará mais segura!

3: Não passe dados pessoais

Não fale seu endereço e nem os horários que costuma ir para a escola. Também evite falar muito da família e não conte os locais que os seus pais trabalham, ok?

4: Fique atenta aos amigos em comum

Preste atenção: se vocês têm amigo em comum, nem pense duas vezes antes de pedir informações sobre essa pessoa que você está conhecendo! Assim, você irá saber se ela tá falando a verdade!

5: Vá para as redes sociais

Se você está conversando há um tempo e o papo flui de um jeito legal, peça o Facebook ou Instagram. Como o app não possibilita que a outra pessoa saiba muito sobre a vida do outro, pelas redes sociais será muito mais fácil conhecer! (Araújo, 2015, s.p.).

Os enunciados expressos na materialidade anteriormente explicitada parecem apontar para o que Fischer (2012) denomina de função pedagógica da mídia. A autora analisa algumas modalidades e estratégias de linguagem que constituem ou poderiam indicar um *ethos* pedagógico da mídia. Dito de modo mais específico, a autora entende que a mídia, cujo foco recobre a mídia televisiva, lança mão de um conjunto de estratégias que visam a orientar e interpelar os sujeitos no que se refere à produção de subjetividade e identidade, pois sugere, insinua e, em alguns casos, determina, o cotidiano dos sujeitos (Certeau, 2012), os modos de vestir, comer, morar, cuidar do corpo e da saúde, dentre outros. Pensando na coluna da revista *Todateen*, é imperioso constatarmos como essa função defendida por Fischer (2012) se faz presente, no que concerne a orientações para a utilização de um aplicativo de encontros afetivos. Alguns aspectos do ponto de vista da construção do discurso dessa coluna evidenciam tal função. Vejamos, por exemplo, o título da coluna – Papo de BFF – gíria e/ou código utilizado pelos adolescentes para designar a melhor amiga (*Best Friends Forever*: melhores amigas para sempre). Uma vez que se trata de uma publicação endereçada para o público adolescente, essa coluna constrói um lugar a partir do qual pode enunciar e angariar a confiança de seus leitores, especialmente as meninas. Ao se constituir como um espaço em que a adolescente se sente a vontade, os dizeres inscritos nessa coluna irão, num domínio associado, se relacionar com outras formas de enunciados que se aproximam da conversa, do “papo reto”, do aconselhamento. Isso se materializa, por exemplo, por meio de elementos linguísticos presentes nas formas de comunicação dos adolescentes, tais como: bapho, futuro *love*, *girl*, app.

⁴ O *Tinder* é um aplicativo de encontro em que o usuário pode conhecer novas pessoas que possuam interesses em comum. Para isso, o programa cruza as informações de perfil com base em mecanismos de geolocalização e, com isso, sugere possíveis pretendentes que estejam relativamente próximos (Ribeiro, 2015).

Além disso, as orientações acerca da utilização do *Tinder* são marcadas pela aura de confiança que a proposta da coluna convoca e, com isso, exercem a função pedagógica de uma forma sutil e despretensiosa. Por mais que os verbos sejam empregados majoritariamente no modo imperativo e o uso do ponto de exclamação seja recorrente, não se trata de forma alguma de uma imposição e/ou ordenamento, senão de preciosas “dicas”, que irão salvaguardar a adolescente de perigos provenientes dos encontros resultantes do uso do *Tinder*. A posição que enuncia na coluna lembra que “como tudo que envolve tecnologia, é preciso não cair em ciladas, viu?”. Assim, tem-se a construção de um discurso acerca das tecnologias que as concebe como o repositório do risco, da ameaça, do medo, em conjunção com uma explosão de notícias e outras materialidades midiáticas que discursivizam inúmeros casos de crimes cometidos em encontros marcados através das tecnologias digitais. O efeito de desconfiança que permeia esses discursos encontra eco em práticas responsáveis por tornar perigosas as relações tecidas na rede digital.

O discurso da coluna produz subjetividades vigilantes, as quais devem se proteger de eventuais ameaças advindas das paqueras *online*. Apregoa-se um cuidado incisivo em torno da ameaça em potencial presente do outro lado da tela (“você não conhece essa nova paquera”, “não passe dados pessoais”, “você irá saber se ela ta falando a verdade”, “não vá com pressa, girl”, “não acredite em tudo, ok?”), de modo a inserir as relações com o outro sob a égide do alerta, da sensação iminente de insegurança, daí a necessidade de investigar, por meio dos perfis nas redes sociais, um pouco mais a respeito da vida da suposta paquera. A produção dessa subjetividade, conforme nos lembra Foucault (2006), está atrelada a uma exterioridade, ou seja, a condições históricas, a saberes e práticas responsáveis por produzir sujeitos singulares e por dizer daquilo que estamos nos tornando (cf. Deleuze, 1990). É nesse contexto de insegurança que emergem os discursos sobre o amor virtual, e os discursos que propugnam uma educação sentimental (Corbin, 2010), ilustrados pela coluna em foco, não fogem a essa conjuntura social e cultural.

É indisfarçável a associação existente entre o modo de funcionamento do *Tinder*, conforme destacam as orientações da coluna Papo de BFF, com o discurso do consumo. O aplicativo constitui uma espécie de catálogo por meio do qual se pode escolher, tal como se seleciona um produto, quem é mais interessante. Além disso, se a conversa não fluir, outro contato aparecerá no aplicativo e, assim, sucessivamente. Essa fluidez na rede de contatos de tais aplicativos lembra-nos os dizeres de Bauman (2004, p. 12) quando assinala que “[...] as conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las”. As considerações de Illouz (2011) a respeito do amor no ambiente digital parecem-nos pertinentes. Segundo a autora, a *internet* estrutura a busca do parceiro como um mercado, transformando o eu num produto embalado, que

compete com outros num mercado aberto, regulado pela lei da oferta e da procura. Com efeito, de acordo com os dizeres inscritos na coluna analisada, as relações emergentes no âmbito dos aplicativos seguem essa assertiva, na medida em que é preciso, num primeiro momento, certificar-se de que o sujeito com que se fala é confiável, pois, caso contrário, pode-se substituí-lo por outras opções rastreadas pelo sistema de geolocalização do *Tinder*.

A última materialidade selecionada para análise constitui uma reportagem veiculada no *site* Uol, da qual analisaremos alguns excertos. Antes, porém, é necessário destacar a especificidade dessa reportagem no rol dos demais textos diuturnamente publicados nesse portal da *web*. A reportagem da qual nos ocupamos neste artigo insere-se no âmbito de outros textos publicados numa seção especial chamada TAB. Conforme podemos observar, na definição fornecida pelo *site*, trata-se de uma experiência interativa com conteúdo de qualidade, num formato inovador e “com total independência editorial”. De fato, as reportagens publicadas nessa seção diferenciam-se pelo caráter multimodal e interativo, e os temas escolhidos para figurar em tal seção respondem à raridade da função enunciativa de que fala Foucault (2010). Nesse sentido, falar acerca do amor digital denota o caráter raro dos enunciados acerca desse objeto de discurso, pois inúmeros outros discursos poderiam ter sido escolhidos. Ressoa a indagação de Foucault (2010): por que esse enunciado e não outro em seu lugar?

Quando pensamos, na esteira de Foucault (2010), na materialidade repetível do enunciado, convém perscrutar os efeitos de sentido provenientes da natureza híbrida e multissemiótica (cf. Rojo, 2013) dos enunciados da reportagem veiculada no *site* Uol. Conforme a proposta da seção TAB, a reportagem, ao discutir temas que estão na ordem do dia, o faz de modo a compor toda uma cena interativa a partir dos recursos técnicos e gráficos disponíveis na *web*. No tratamento conferido ao amor digital, podemos observar a larga utilização de elementos do audiovisual, na conjunção com materialidades verbo-visuais e sonoras. Nesse sincretismo semiológico, a reportagem compõe-se de algumas subseções que discutem o estatuto do amor digital e as inflexões advindas dos aplicativos de relacionamento *online*, bem como propõe uma espécie de teste no qual o leitor poderá aferir se possui habilidades necessárias para “se dar bem” nos aplicativos de paquera. Ao fundo, constam paródias de poemas famosos como Quadrilha, de Drummond, e Soneto da Fidelidade, de Vinícius de Moraes. Centremos nosso olhar analítico sobre alguns excertos da reportagem e do teste que a acompanha.

Excerto 3

Conectados, mas sem vínculos. A primeira geração da era digital vive o amor de forma imediatista, auto-centrada e sem padrão. Com os aplicativos, a paquera

virou um game, que acelera os encontros e diminui a dor da rejeição. O romantismo acabou. Virem-se. “O menino veio aqui em casa, me comeu [duas vezes] tirou um cochilo de meia hora comigo no peito e foi embora. Acho que to apaixonada”. O post do *Facebook* era tão direto que a autora dele teve que se explicar para seu grupo de amigos: “A melhor parte foi a saída dele. Foi uma bênção. Eu só disse que estava apaixonada porque ele teve a noção de ir embora”, explica Kátia Nogueira, 2, chef de cozinha.

O caso resume o amor nos tempos do Tinder, o aplicativo mais popular atualmente disponível. A rapidez metodológica virou imediatismo. O individualismo geral acelerou o cronograma de se apaixonar e fez brotar um medo do compromisso. A geolocalização substituiu o acaso. Os parceiros são tão descartáveis quanto qualquer outro item da sociedade de consumo. Fidelidade só ao plano 4G.

“O romantismo ficou datado historicamente. Hoje o amor está atravessado pelo *marketing* e o sucesso pessoal”, resume a psicanalista Gislaïne Dominicis. Não se segue as ordens ou se busca aprovação do papa, do pai repressor, da bancada evangélica ou do governo federal (a não ser a recomendação de usar camisinha). Hoje a relação é legitimada pela própria rede de informações, afinal, consegue-se a ficha completa do candidato (a) pela internet. A quantidade de amigos em comum e de preferências artísticas determinam se o aspirante pode ser validado. Por outro lado, dirão os saudosistas, o excesso de informação acaba com a surpresa e o encantamento que tanto cercou o amor anteriormente (Bertolotto, 2015, s.p.).

A posição sujeito da reportagem parte de algumas constatações as quais, num tom fatalista, irão sentenciar o estatuto do amor digital. Trata-se, de acordo com essa posição, do fim do romantismo, da escassez de relacionamentos sólidos, duradouros e fiéis (Bauman, 2005), da transformação da paquera num *game*, em função do advento dos aplicativos de paquera, em suma, da volatilidade e obsolescência das relações contraídas por meio do ambiente digital. Essa posição, ao trazer à tona outras vozes, tece verdades sobre o amor virtual, por meio das quais podemos entrever a constituição de subjetividade. Assim, a fragilidade das relações escancara a construção de um sujeito que não possui uma âncora, pois está atrelado à experimentação das várias opções existentes nos aplicativos, no caráter exibicionista e visualmente hiperestimulado do ambiente digital. Esse sujeito saturado de informações, as quais serão utilizadas para a construção promocional de uma imagem de si (“a ficha completa do candidato”), vê-se imerso numa conexão compulsória, em dizeres que o inserem numa posição de disputa com

outros perfis, com várias outras opções e contatos das redes sociais e dos aplicativos.

A confissão postada no *Facebook*, atribuída à chef de cozinha Kátia Nogueira, assinala a constituição do sujeito no interior dos dispositivos que incitam a exibição de si. De acordo com Russi (2015), o *Facebook* potencializa a contar aquilo que está no âmbito do segredo, de modo a funcionar como um dispositivo de confissão, por meio do qual vigiamos a nós mesmos e, ubiquamente, tornamo-nos vigias dos outros. O que historicamente esteve restrito ao cerne da vida íntima hoje se exhibe despudoradamente nas telas. A confissão de Karina, nesse sentido, demonstra que as relações tecidas na rede desafiam protocolos, discursos e condutas estabelecidas ao longo do tempo no que concerne especificamente ao caráter privado das relações amorosas. Ao utilizar essa confissão, em discurso direto, como uma ilustração do “amor nos tempos do Tinder”, o sujeito que enuncia na reportagem corrobora que a emergência e a ruptura dos vínculos afetivos na *internet* estão sensivelmente arraigadas na urgência em ser visto e em falar de si.

É imperioso pensarmos, de acordo com a reportagem, no modo como o sujeito usuário das tecnologias digitais de relacionamento encara o outro. Tem-se, nesse sentido, o outro como alguém que deve ser submetido ao crivo do olhar do sujeito, com base em critérios como o número de amigos em comum e o que a reportagem denomina de “preferências artísticas”. As possibilidades de relacionamento passam necessariamente por uma espécie de triagem, em que se decanta quem é digno de ser alçado ao posto de interessante ou de descartável e, desse modo, emergem condições de possibilidade para a aparição do amor virtual. Foucault (1990), ao falar das tecnologias do eu, lembra-nos que, no decurso da história, convém investigar determinadas particularidades que permitem aos sujeitos, por conta própria ou com a ajuda de outros, realizar certo número de operações sobre o seu corpo, sua alma, pensamentos, ações e qualquer forma de ser. Nesse sentido, os discursos e práticas que orientam as maneiras por meio das quais os sujeitos devem relacionar-se com os demais no ambiente digital, no que diz respeito à questão sentimental, arrefecem essas tecnologias, pois delimitam lugares para si e para o outro, no âmbito das peculiaridades dos dispositivos eletrônicos e das inflexões nos modos de ser e estar no mundo deles decorrentes. O outro é, então, concebido como algo a ser continuamente avaliado em função de um saber que embasa a percepção do sujeito usuário das tecnologias.

Ainda em relação à reportagem veiculada no *site* Uol, vale observar de modo mais detido uma subseção em que se apresenta determinadas definições para o amor nos tempos atuais. Para tanto, os enunciados que vão materializar essas definições relacionam-se, num domínio associado, a outras formulações. O enunciado *Amar é...*, no esteio de uma temporalidade recente, encadeia-se a

um modismo dos anos de 1970 e 1980, inspirado num álbum de figurinhas, em que um casal desnudo ilustrava definições de amor sempre encabeçadas pela sequência *Amar é...* No caso das definições constantes na reportagem em análise, é pertinente apontarmos para a relação de contrariedade no que tange às definições de outrora. Aparecem, portanto, enunciados do tipo: “Amar já não é... um sentimento que se constrói aos poucos”, “ir conhecer a família dela”, “ser o super-herói dela”, “compartilhar ideias e sonhos juntos”, “descobrir sua alma gêmea”, “não cansar de mimar o outro”, dentre outros, procuram caracterizar o amor na contemporaneidade. Esses enunciados encontram-se dispostos em caixas de texto num formato de losangos que, ao serem clicadas, dão a ver o símbolo do Facebook e do Twitter, constituindo-se como hiperlinks que nos levam a essas redes sociais. Tal estratégia de convergência midiática (Jenkins, 2009) constitui a possibilidade de reverberar da reportagem a respeito do amor na era digital, cotejando com enunciados já inscritos no âmbito de uma memória.

A negação na sequência “Amar já não é” assinala o referencial do enunciado (Foucault, 2010), na comparação com outros dizeres, na medida em que delata as especificidades do amor na atualidade a partir de transformações na construção desse objeto de discurso. Essas mutações incidem principalmente sobre o sujeito que ama, de modo que temos, por exemplo, uma independência das relações amorosas em relação à instituição familiar (“ir conhecer a família dela”), uma certa sublimação de um ideário romântico cuja felicidade encontra-se na busca do par perfeito (“descobrir sua alma gêmea”), uma visão imediatista do amor que rejeita a espera e a resiliência (“um sentimento que se constrói”), a constituição do sujeito mulher para além da centralidade da figura masculina (“ser o super-herói dela”). Em linhas gerais, esses enunciados vão apontar para outras (re)configurações do amor como um objeto de discurso e, portanto, sinalizar para a constituição da subjetividade na era do amor digital, como um contraponto a outros dizeres em torno de um amor caracterizado pelo arrebatamento, delírio (cf. Barthes, 1981) e romantismo extremo.

No que se refere ao teste que acompanha a reportagem em foco, é preciso levar em consideração alguns discursos advindos do modo de constituição do teste. Composto de quatro perguntas com quatro opções de escolha, o teste intitula-se *Você sabe como se dá bem num aplicativo de paquera?* Ainda que possibilite a escolha do sexo (masculino e feminino), as respostas do teste são as mesmas para ambos. Dependendo de quantas questões se acerta, o teste informa mensagens do tipo: “Error 404: Mandou mal, mas como a prática leva à perfeição, continue na caça”, “Trainee do amor: Mandou bem, mas pode se aperfeiçoar no jogo da sedução”, “Sem sinal: Mandou mal, mas lembre-se de que a prática leva à perfeição”, “Femme Digitale: Você domina a arte da conquista e nem

precisa fazer esse tipo de teste”. Em cada uma dessas mensagens pós-teste, pode-se entrever um nível a partir do qual o sujeito se encontra. Assim, do nível mais baixo (“Sem sinal”) ao mais alto (“Femme Digitale” “Predador Digital”) na escala do teste, o sujeito é escandido por um saber que o enxerta numa posição a ser alcançada nas artimanhas do jogo do amor digital. O erro ou o acerto é determinante na produção dessa subjetividade e na consecução de comportamentos e condutas na paquera *online*. Dessa maneira, vale frisar a lógica que norteia algumas das perguntas adotadas no teste, pois a partir delas será possível rastrear estratégias e táticas a serem ponderadas no cerne dos aplicativos.

Numa das perguntas, o sujeito leitor é inquirido a escolher dentre quatro alternativas aquela que revela a postura mais adequada a ser adotada no caso de a pessoa com quem está conversando sinalizar para a possibilidade de um *chat*. O teste fornece as seguintes opções: (a) entrar na hora para mostrar interesse; (b) esperar um pouco, entrar e não deixar a conversa mais parar; (c) esperar um pouco para entrar e também para responder; (d) esperar bastante para criar um clima de suspense. A resposta correta, de acordo com o teste, é a segunda alternativa. Ao optar por uma postura mais comedida de não responder prontamente, mas, nem por isso, deixar a conversa esfriar, o sujeito usuário dos aplicativos parece se identificar com um certo saber a respeito das formas de interação *online*. Dessa feita, demorar a responder ou responder de imediato no *chat* pode sugerir descaso ou interesse excessivo, duas condutas inapropriadas, na perspectiva da posição que enuncia no teste. Se pensarmos em todos os discursos acerca do amor nos aplicativos de paquera, conforme já discutidos neste texto, é justificável que, dada a evanescência das relações tecidas no espaço digital, qualquer demora pode ser irreversível.

Ainda no que tange ao teste, convém atentarmos para a primeira pergunta relativa à forma que o sujeito usuário dos aplicativos deve utilizar para postar fotografias pessoais adequadas nos seus perfis *online*. As opções da pergunta são as seguintes: (a) fotos estilo anúncio de revista, com melhor luz, visual, ângulo e olhar sério; (b) imagens divertidas com seus bichos de estimação para mostrar que é uma pessoa com sentimento; (c) fotos em diversas situações de seu cotidiano, mas sempre com um sorriso no rosto; (d) retratos de sua vida social mostrando você com seus melhores amigos e se divertindo. A resposta considerada correta é a terceira opção. O teste desconsidera as demais opções, pois a primeira pode soar pretensiosa, na segunda, tem-se um recurso já considerado clichê e, por fim, na quarta, corre-se o risco de a pessoa se interessar por outro alguém que esteja na foto. Em síntese, o discurso do teste orienta os usuários dos aplicativos a construir uma imagem atraente de si (“sempre com um sorriso no rosto”), a fim de angariar contatos afetivos na rede.

Martino (2015, p. 138) lembra-nos que “[...] é quando uma tecnologia se espalha pelo cotidiano das pessoas e deixa de ser notada que seus efeitos são mais fortes”. Essa citação corrobora a onipresença dos artefatos digitais na consecução do sujeito contemporâneo, nas mais diversas instâncias da sociedade. No tocante ao amor virtual, conforme discutimos no exercício analítico aqui efetuado, vale reiterar que a efervescência de discursos sobre essa questão acaba por delinear determinados modos de construção do sujeito que se relaciona afetivamente *online*, enfatizando, principalmente, a fragilidade dos laços sentimentais e o estatuto atual do amor por meio dessas tecnologias.

No ocaso, era o *ghosting*...

Você começa acariciando a superfície lisa do celular para depois lidar com as curvas do corpo humano (Bertolotto, 2015, s.p.).

Citando Welman e Rainie (2012), Martino (2015, p. 137) hipotetiza: “Se Romeu e Julieta tivessem smartphones a história escrita por Shakespeare no século XVII teria sido diferente. Teriam trocado mensagens de texto e combinado melhor suas ações. Poderiam, com um GPS, achar uma rota para fugir de Verona [...]”. O autor prossegue: “Haveria outros lances dramáticos: o casal seria descoberto, digamos, por uma foto postada em alguma rede digital. Capuletos e Montecchios, as famílias rivais, rastrearíamos as conexões”. A situação ilustrada provoca o riso, pois aglutina ações dissonantes na costura da história, numa bricolagem criativa. Dessa maneira, serve para pensarmos as especificidades do sujeito amoroso, a partir das práticas e discursos em torno do amor na era digital e de todo o corolário daí decorrente, quando associamos no fio da história o passado ao atual. Acerca do atual, as palavras de Deleuze (1990) são necessárias. O autor sublinha que o atual não é exatamente o que somos, mas aquilo que estamos nos tornando, aquilo que somos em devir. Amparando-se nessa assertiva, Gregolin (2015) defende que a subjetividade é processo em curso, por isso, a atualidade é sempre contraditória, pois comporta uma completude constituinte que nos impede de enxergá-la com inteireza.

No entanto, através do exame de determinadas materialidades discursivas, poderemos entrever alguns indícios de determinados extratos históricos de produção dos discursos e dos sujeitos, conforme propõem as reflexões de Michel Foucault. Amparando-se em tais constatações, esse artigo objetivou analisar a produção de subjetividade em discursos sobre o amor virtual, levando em consideração a premência que caracteriza essa questão na atualidade. Para dar conta desse propósito, selecionamos três materialidades que compuseram o *corpus* de pesquisa. A fim de nortear as análises, partimos das seguintes questões: que tipos de subjetividade emergem a partir de discursos

acerca do amor virtual na mídia? De que modo esses discursos articulam-se a outros discursos, trazem à tona outros dizeres, os quais, num feixe de relações, enunciam acerca do amor virtual?

Ainda que as materialidades estudadas apresentassem especificidades e singularidades, em função dos objetivos, dos veículos em que circulavam, do público a que se endereçavam, dentre outros aspectos, é possível articulá-las numa rede enunciativa comum. Uma vez que todas tomam o amor virtual como objeto de discurso, constatamos que cada uma delas, a seu modo, encadeia-se a outros dizeres, os quais vão compor os discursos sobre o amor virtual e a produção de subjetividade, tendo em vista a relação bastante estreita entre esses dois conceitos. Ao mobilizarmos a ideia de enunciado e noções adjacentes, a partir de Foucault (2010), esmiuçamos as particularidades do ponto de vista enunciativo dos discursos em torno do amor virtual. Nesse sentido, retomemos rapidamente as materialidades analisadas.

Na primeira materialidade – reportagem do G1 –, vimos que a posição do sujeito que enuncia é feita de modo a explicar a prática do *ghosting* e os efeitos desta na constituição do sujeito de que é vítima. Ancorando-se em saberes especializados, a exemplo do estatístico e psicanalítico, constatamos que a subjetividade emerge por meio da objetivação do sujeito, pois este é constantemente investigado e analisado sob diversos vieses. Na segunda materialidade, a coluna da revista *Todateen*, o tom de orientação reinante, voltado de maneira mais específica para as adolescentes, insere esses dizeres numa visada pedagógica, de modo a produzir subjetividades em confluência com a necessidade de averiguar e avaliar de modo cuidadoso os contatos com os quais se relaciona afetivamente nos aplicativos de paquera, atentando de maneira perspicaz para uma vigilância de si. Por fim, na última materialidade, na reportagem do *site* Uol, cuja natureza multissemiótica e interativa é flagrante, se cotejarmos com as outras materialidades analisadas, foi possível verificar um discurso de (des)construção do amor virtual, na associação com dizeres inscritos no âmbito de uma memória, além de propor um teste sobre como ser bem-sucedido nos aplicativos de relacionamento, de modo a produzir as singularidades para o sujeito “amoroso” na rede digital.

Esse exercício analítico acaba por demonstrar a produtividade dos conceitos foucaultianos no exame de discursos da atualidade. Seguindo o pensamento de Fischer (2013), somos levados a crer que analisar discursos significa basicamente dar conta das relações históricas, de práticas muito concretas, que estão “vivas” nos discursos. Foi exatamente essa assertiva que perseguiu no decorrer deste escrito. Ao considerarmos as condições de emergência dos discursos em torno do amor virtual, buscamos operar as modalidades definidoras do discurso como uma prática que constrói os objetos de que fala. São essas práticas que dão um efeito de evidência para as discursividades

com as quais lidamos cotidianamente. Se o filósofo russo Alexandre Herzen, em pleno século XIX, espantou-se em pensar na possibilidade de o líder mongol Gengis Khan estar com um telégrafo na mão (cf. Morais, 2012), o que diria tal pensador acerca da relação quase umbilical do sujeito contemporâneo com as tecnologias digitais? Do amor virtual, do *ghosting* e do *Tinder*? Tais associações entre figuras e eventos disparatados ao longo da história, assim como a inusitada relação de Julieta e Romeu com o *smarthphone*, fazem funcionar a rede enunciativa que interliga o sujeito, a história, o discurso e a subjetividade.

Referências

- ARAÚJO, A. 2015. 5 dicas para usar o Tinder sem perigo. *Todateen*. Disponível em: <http://todateen.uol.com.br/papo-bff/5-dicas-para-usar-o-tinder-sem-perigo/>. Acesso em: 10/02/2016.
- BARTHES, R. 1981. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro, F. Alves, 199 p.
- BAUMAN, Z. 2004. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 84 p.
- BAUMAN, Z. 2005. *Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 110 p.
- BAUMAN, Z. 2011. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 144 p.
- BERTOLOTO, R. 2015. Amar: reiniciar ou deletar. Uol. Disponível em: <http://tab.uol.com.br/amor/>. Acesso em: 09/02/2016.
- CERTEAU, M. 2012. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis, Vozes, 376 p.
- CORBIN, A. 2010. Bastidores. In: M. PERROT (org.), *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo, Companhia das Letras, p. 413-611.
- COSTA, J.F. 1999. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro, Rocco, 128 p.
- CRARY, J. 2013. *Flutuações da percepção – atenção, espetáculo e cultura moderna*. São Paulo, Cosac Naify, 384 p.
- DELEUZE, G. 1990. O que é um dispositivo? In: G. DELEUZE, *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona, Gredisa, p. 83-93.
- FERNANDES, C.A. 2012. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo, Intermeios, 106 p.
- FISCHER, R.M.B. 2012. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte, Autêntica, 167 p.
- FISCHER, R.M.B. 2013. Foucault. In: L.A. OLIVEIRA, *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo, Parábola, p. 123-151.
- FOUCAULT, M. 1990. *Tecnologías del yo e otros textos afines*. Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica, 152 p.
- FOUCAULT, M. 1995. O sujeito e o poder. In: P. RABINOW; H. DREYFUS, *Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, p. 231-250.
- FOUCAULT, M. 2010. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 236 p.
- FOUCAULT, M. 2006. *A Hermenêutica do sujeito*. São Paulo, Martins Fontes, 660 p.
- G1. 2015. Ghosting: a maneira cruel de acabar com relacionamentos na era digital. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/12/ghosting-maneira-cruel-de-acabar-com-relacionamentos-na-era-digital.html>. Acesso em: 29/06/2016.
- GREGOLIN, M.R. 2015. O dispositivo escolar republicano na paisagem das cidades brasileiras: enunciados, visibilidades, subjetividades. *Moara*, 43(1):6-25.
- ILLOUZ, E. 2011. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 184 p.
- JENKINS, H. 2009. *Cultura da convergência*. São Paulo, Aleph, 432 p.
- JONZE, S. 2013. *Ela*. [Motion Picture]. Estados Unidos, Warner Bros. Pictures.
- LIPOVETSKY, G. 2007. *A felicidade paradoxal: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 408 p.
- MARTINO, L.M.S. 2015. *Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes*. Petrópolis, Vozes, 291 p.
- MORAIS, J.F.R. 2012. Ciências e perspectivas antropológicas hoje. In: M.C.M. CARVALHO (org.), *Construindo o saber: metodologia científica – fundamentos e técnicas*. Campinas, Papirus, p. 116-125.
- RENDERS, P.-P. 2000. *Apaixonado Thomas*. [Motion Picture]. Bélgica, Entre Chien et Loup/ JBA Production/ Radio Télévision Belge Francophone (RTBF).
- REVEL, J. 2005. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos, Claraluz, 96 p.
- RIBEIRO, G. 2015. O que é e como funciona o Tinder. Techtudo. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2015/12/o-que-e-e-como-funciona-o-tinder.html>. Acesso em 10/02/2016.
- ROJO, R. 2013. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: R. ROJO (org.), *Escol@ conect@d@: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo, Parábola, p. 13-36.
- RUSSI, P. 2015. Legem Habemus: dispositivo de confissão. In: K.M. SOUSA; H.P. PAIXÃO (orgs.), *Dispositivos de saber/poder em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade*. São Paulo, Intermeios, p. 35-47.
- TARETTO, G. (Diretor). 2011. *Medianeras – Buenos Aires na era do amor digital*. [Motion picture]. Argentina/Espanha/Alemanha, Eddie Saeta S.A./ Instituto Nacional de Cine y Artes Audiovisuales/ Pandora Filmproduktion/ Rizoma Films/ Televisió de Catalunya.
- TURKLE, S. 1997. *A vida no ecrã: a identidade na era da internet*. Lisboa, Relógio D'água, 482 p.

Submetido: 11/02/2016

Aceito: 29/07/2016